

ANÁLISE FUNCIONAL DO COMPORTAMENTO EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DURANTE UMA DISCUSSÃO SOBRE O TEMA DIVERSIDADE SEXUAL

FUNCTIONAL ANALYSIS OF BEHAVIOR IN UNDERGRADUATE STUDENTS DURING A DISCUSSION ON THE TOPIC OF SEXUAL AND DIVERSITY

Lima A.T.^a

Silva D.G.S.^{a,b}

Manzoni-de-Almeida, D.^{a,b,c}

^aGrupo de Estudos e Pesquisa em Ensino & Ciências (GEPECs), Escola de Ciências Biológicas e da Saúde, Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU),
e-mail: aletadeulima@gmail.com

^{a,b}Grupo de Estudos e Pesquisa em Ensino & Ciências (GEPECs), Escola de Ciências Biológicas e da Saúde, Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU)
e-mail: davi.sanches97@outlook.com

^{a,b,c} Grupo de Estudos e Pesquisa em Ensino & Ciências (GEPECs), Escola de Ciências Biológicas e da Saúde, Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU); Núcleo de Gêneros e Sexualidades (NUGE), Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU)

Resumo

O presente estudo fora desenvolvido com o objetivo de investigar reações grupais de alunos/as universitários quando são confrontados/as com temáticas acerca de sexualidade e gênero. Os pesquisadores responsáveis utilizaram-se de ferramentas da psicologia para mapear os comportamentos dos indivíduos de pesquisa por meio de observação feita em sala de aula durante uma aula. Constata-se que as temáticas acabam por revelar diversas reações comportamentais nos indivíduos, podendo ser reações consideradas positivas ou negativas, como resposta aos estímulos intelectuais apresentados. O principal motivo apontado para as reações demonstradas pelos sujeitos é o da falta de familiaridade com o tema e preconceito motivado por sexualidade ou gênero.

Palavras chave: análise comportamental, preconceito, homofobia.

Abstract

The present study was developed on the intent of investigate the group reactions of college students when confronted by thematic of sexuality and gender. The research team adopted psychology tools to map the behaviors of the group during a class. Through this, it is possible to note that the themes reveal many behavioral reactions on the individuals that could be considered as positive or negative reactions as a response to the intellectual incentive. The main reason pointed for those reactions demonstrated by the subjects of this research it's the lack of familiarity with the theme of prejudice motivated by sexuality and gender.

Keywords: behavioral analysis, prejudice, homophobia.

Introdução

Na contemporaneidade é possível observar uma notoriedade destinada aos temas que envolvem diversidade sexual, transexualidade e os mais diversos tipos de reações que o debate destes assuntos suscita.

Existem certas controvérsias tanto no PNE (Plano Nacional de Educação) sobre metas relacionadas ao combate da discriminação motivada por sexualidade ou gênero.

A presente pesquisa surge a partir deste cenário, objetivando investigar sob a luz de instrumentos psicológicos, o comportamento de uma classe universitária do curso de Ciências Biológicas durante o desenvolvimento de uma aula com temática de Diversidade Sexual e de Gênero.

Segundo Rios, pode-se definir homofobia como o preconceito ou discriminação a indivíduos, baseada em motivos de sexualidade. Contudo, a homofobia é apresentada de diversas maneiras, sendo comumente praticada por meio de atitudes que não se configuram exatamente como violência física ou verbal. Pode-se adotar, portanto, como uma estratégia de disseminação da homofobia, a invisibilização de sujeitos LGBTQIA+ (Lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais e travestis, *queers*, intersexuais e assexuais). O silenciamento desta população e de suas demandas nos debates educacionais, demonstra-se como sendo um fenômeno com causas bem delimitadas, podendo ser configurada como homofobia.^{1,2}

Ao não falar a respeito deles e delas (homossexuais), talvez se pretenda 'eliminá-los', ou pelo menos, se pretenda evitar que os alunos e as alunas 'normais' os conheçam e possam desejá-los/as. Aqui o silenciamento – a ausência da fala – aparece como uma espécie de garantia da norma.²”

Dinis afirma ainda que tal silenciamento se evidencia também na omissão por parte dos educadores que evitam o tema mesmo perante casos de violência escolar. Nota-se que os próprios docentes não possuem uma formação quanto à sexualidade, gênero e diversidade sexual, o que lesa o ensino destas temáticas. A que a falta de uma formação adequada sobre estas temáticas acaba por fazer com que os docentes não se sintam aptos a tratar sobre diversidade sexual e de gênero, perpetuando concepções preconceituosas.³

A pesquisadora canadense Deborah Britzman, citada por Dinis, relata as fantasias e medos por parte dos educadores em abordar o tema da diversidade sexual nas escolas:³

“...existe o medo de que a mera menção da homossexualidade vá encorajar práticas homossexuais e vá fazer com que os/as jovens se juntem às comunidades gays e lésbicas. A ideia é que as informações e as pessoas que as transmitem agem com a finalidade de “recrutar” jovens inocentes. (...) também faz parte desse complexo mito a ansiedade de que qualquer pessoa que ofereça representações gays e lésbicas em termos simpáticos será provavelmente acusada ou de ser gay ou de promover uma sexualidade fora da lei (norma). Em ambos os casos, o conhecimento e as pessoas são considerados perigosos, predatórios e contagiosos.³”

Por conseguinte, o âmbito educacional, no contexto em que esta pesquisa se desenvolvera, é um local onde assuntos referentes aos temas de diversidade sexual e de gênero acabam por ser pouco retratados, de maneira que a educação superior acaba por contribuir com a perpetuação de certos estigmas enquanto não se apresenta como um ambiente de ruptura.

“...há no nosso tempo a consciência de que, o educador ao abordar as temáticas sexuais em sala de aula, deve assumir uma postura de rompimento em relação a hábitos restritivos e dificultadores desse debate. Pois, é nesse local de convivência que se pode achar o diálogo promotor do conhecimento de si e do outro/a, a partir das próprias emoções e valores. É no conviver com o aluno/a que o educador/a o/a reconhece e dá a ele/a possibilidade de se revelar como indivíduo/a de conhecimento histórico e a discussão das temáticas sexuais com adolescentes carecem dessa liberdade de diálogo.⁴”

O estudo desenvolvido busca investigar na prática docente, como o tema de diversidade sexual é tratado dentro do espaço universitário, com o objetivo de elucidar como se dão as interações dos alunos com as temáticas abordadas em sala; preconceito e homofobia. Para tanto, foram adotadas ferramentas metodológicas do campo da psicologia no intuito de coletar dados que proporcionem uma visão ampla sobre a problemática aqui levantada e nos forneçam uma base sólida de dados a fim de fomentar a discussão. Portanto, as reações da classe universitária perante s temas de diversidade sexual e de gênero apresentam-se como o recorte principal deste estudo.

Nesse sentido, o objetivo geral desta investigação é demonstrar como alunos/as do ensino superior, em um curso da área da saúde, reagem quando estimulados e debaterem e expressarem-se acerca de temáticas como Diversidade Sexual e de Gênero.

Método

O presente estudo parte de uma abordagem quali-quantitativa de uma classe universitária com 49 alunos/as. A disciplina utilizada para a observação dos pesquisadores fora a de Bioética, ministrada no primeiro semestre do curso de Ciências Biológicas. A amostra adotada neste estudo surge de uma abordagem não probabilística, onde não foram feitas seleções prévias dos participantes do grupo.

Os procedimentos aqui descritos, decorreram de acordo com as regras éticas estipuladas pelo Comitê de Ética e o projeto fora previamente submetido e autorizado pela Plataforma Brasil sob número do parecer 4.617.337 antes do curso da pesquisa. Os 49 sujeitos desta pesquisa apresentaram idade média de 20 anos e configuram-se em 17 indivíduos autodeclarados homens e 32 indivíduos autodeclarados mulheres.

Na aula citada anteriormente, os pesquisadores responsáveis realizaram a observação sistemática dos sujeitos de pesquisa, documentando por meio de uma Tabela de Análise Comportamental ou Tabela de Análise Funcional, as falas e reações demonstradas pelos sujeitos. A Tabela de Análise do Comportamento (em anexo 1) exemplifica o instrumento adotado pelos pesquisadores.

Ocorreu também o preenchimento da Tabela de Análise do Comportamento ou Tabela de Análise Funcional (anexos - modelo 1) pelos dois observadores, visando mapear o comportamento da sala durante a discussão do texto.

Para Skinner, o comportamento é o resultado da interação organismo-ambiente, podendo ser entendido apenas a partir da identificação das circunstâncias em que ocorre. O comportamento é, então, uma unidade interativa que deve ser investigada sistematicamente. Essa investigação se dá mediante a descrição e a interpretação de relações funcionais entre comportamento e ambiente⁵. Portanto, o entendimento das relações funcionais entre comportamento e ambiente consiste na baseada na análise funcional do comportamento. A análise funcional pressupõe que um indivíduo emite um dado comportamento por este ter sido selecionado por suas consequências. Assim, todo e qualquer comportamento possui uma função dentro do repertório comportamental de alguém.^{5,6}

Os pesquisadores responsáveis elaboraram previamente a Tabela de Análise do Comportamento, tendo selecionado cuidadosamente as reações/comportamentos grupais a serem monitorados. Procurou-se mapear basicamente comportamentos de apoio/interesse; interação, participação no debate, dúvidas perguntadas, apoio ao tema e de rejeição; saída da aula, perda do controle da classe, apatia do grupo, oposição e humor/ironia. Para melhor interpretação, a Tabela foi subdividida em intervalos de 10 em 10 minutos, conforme o modelo 1 constante nos anexos.

Análise Funcional do Comportamento

A Análise Funcional do Comportamento é a análise rigorosa de como os indivíduos atuam no ambiente, identificando os estímulos que provocam o aparecimento do comportamento-alvo e as consequências que o mantém. Segundo Costa e Marinho,

o termo Análise Funcional é empregado muitas vezes por analistas do comportamento durante atividades científicas, didáticas e clínicas. A análise pode ser realizada em um grupo ou em uma organização e em ambos casos, o procedimento é o mesmo: decidir qual informação coletar, observar, mapear os comportamentos e analisá-los. Em certos casos de aplicação desta ferramenta de análise, emerge a necessidade de intervenção profissional a fim de gerar mudanças comportamentais, a partir dessa necessidade, surgem outras etapas como: delinear o problema, decidir que ações proceder, repetir a observação/mapeamento e avaliar as mudanças. Temos diversas categorias de análise e apud Sturmey, Costa e Marinho adicionam outras duas: análise funcional de processos psicológicos (imitação, desenvolvimento infantil) e análise funcional de sistemas complexos (organizações, ambiente terapêutico, prisões). Assim, é no contexto da Análise Funcional de Sistemas Complexos que esta pesquisa se enquadra.

Resultados

Os resultados da observação são apresentados completos nas Tabelas 2 e 3 dos anexos.

O preenchimento da Tabela de Análise do Comportamento se iniciou apenas no momento da discussão que ocorreu após a leitura do texto base. O preenchimento se deu através da observação dos dois pesquisadores elencados como A e B. Os pesquisadores estavam alocados em pontos distintos da sala, a fim de se obter uma melhor percepção de todo o grupo e ainda impedir a influência entre si, para que os dados se mantivessem mais abrangentes e coesos (vide Tabela 4 e 5 nos anexos). Foi ainda elaborada uma terceira tabela (Tabela 6 dos anexos), com a incidência média dos comportamentos em períodos de 10 minutos e média total de cada comportamento observado.

Discussão

Confrontando o Relatório de Observação com a Tabela Comportamental e lançando-os à luz de trabalhos teóricos já publicados, podemos deduzir diversos fatos interessantes e elencados a seguir. Para esta discussão nos reportaremos às observações anotadas, às tabelas de Análise Comportamental e a média de ocorrências comportamentais (tabela 3).

Um fator que se faz importante ressaltar é que os alunos se engajaram na atividade proposta desde a primeira parte da aula (leitura do texto) até o fim do debate, fato comprovado pelo baixo número de saídas da aula (média de 2) e pelo alto número de interação/participação no debate (média total de 31,5). O gráfico 1 (vide anexos) corrobora tais impressões, uma vez que a reação de saída da sala correspondeu a 2,5% enquanto a participação no debate correspondeu a 52% das reações. Cabe ainda ressaltar que as saídas não significaram evasão, pois os indivíduos que saíram retornaram para a sala. Logo, não existe dado que explicita o número de saídas da sala que resultam em evasão.

No mesmo sentido, o comportamento chamado de Reação de Oposição não foi assinalado por um dos observadores e o outro observador assinalou apenas uma reação de oposição (média total 0,5), ou seja, apenas 1% das reações assinaladas. Além disso, observa-se uma elevada quantidade de reações de apoio ao tema com média total de 15,5 (tabela 3). Estes fatos podem indicar um interesse e abertura do grupo ao tema da diversidade sexual.

Cabe assinalar o fato de que o professor responsável por ministrar a atividade é declaradamente parte da comunidade LGBTQIA+, identificando-se como homossexual, o que pode ter induzido o grupo a um comportamento menos preconceituoso e/ou homofóbico durante o debate, podendo justificar o baixo número de reações de oposição.

Algo que chama atenção é a resistência/timidez do grupo detectada no início do debate e explicitada na Tabela 3, onde foi registrada a média de 3,5 solicitações de participação do grupo pelo professor, demonstrando Apatia do Grupo nos 10 primeiros minutos e nenhuma mais durante todo o debate. Este dado é indicador de que mesmo em um grupo de jovens universitários, o assunto ainda pode causar constrangimentos/timidez/resistências.

Pode-se afirmar ainda que esta inicial resistência ou o que foi classificada como apatia do grupo seja fruto da ausência de discussões do tema durante os anos escolares precedentes. Neste sentido, Louro nos alerta como o currículo escolar é omissivo quanto ao tema da Diversidade Sexual, como no trecho do livro *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*, de sua autoria em que afirma: ²

“Currículos, normas, procedimentos de ensino, linguagem, materiais didáticos,(...) são, seguramente, *loci* das diferenças de gênero, sexualidade, etnia, classe (...). É indispensável questionar não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e que sentidos nossos/as alunos/as dão ao que aprendem. (...) Temos de estar atentas/os, sobretudo, para nossa linguagem, procurando perceber o sexismo, o racismo e o etnocentrismo que ela frequentemente carrega e institui. Os questionamentos em torno desses campos precisam ir além das perguntas ingênuas e dicotomizadas. Dispostas/os a implodir a idéia de um binarismo rígido nas relações de gênero, teremos de ser capazes de um olhar mais aberto, de uma problematização mais que terá de lidar, necessariamente, com as múltiplas e complicadas combinações de gênero, sexualidade, classe, raça, etnia.”²

Observou-se que o docente que ministrava a aula perdeu o controle da sala apenas uma vez (assinalada por ambos os observadores na Tabela de Análise) e ainda no início do debate. Entende-se o fato como demonstração de interesse e respeito grupal.

Já o preconceito pode ser observado em muitos momentos através das falas/opiniões. Um exemplo ocorre antes do início do debate, durante o preenchimento do questionário sobre o perfil da amostra e observado às 19h12: *Aluna tira dúvida com professor sobre item do questionário que aborda ser LGBTQIA+. Outra aluna reage com espanto e realiza um comentário sarcástico: “Mas você é?!”*.

A partir da observação do comportamento elencado acima, nota-se que existe um tabu acerca de o que é considerado fora do padrão da heteronormatividade. Juntamente com esta indagação anterior, detectamos reações de riso e humor no grupo, outro indício da pressão social sobre a condição sexual dos indivíduos.

Outro momento de preconceito surge logo após o início do debate, com a fala de uma aluna registrada após 7 minutos de debate (às 20h42): *Aluna afirma que ser assexual é estranho, uma vez que o sexo está nos genes e é indispensável para se manter a vida.*

Tal opinião corrobora a pesquisa realizada por Coelho e Campos na qual investigaram os sentidos atribuídos por alunos e professores de Ciências à diversidade sexual. Os pesquisadores encontraram dados semelhantes à opinião da aluna, como no trecho que relatam que geralmente os alunos reconhecem Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros (LGBT) como "estranhos", apesar destes mesmos alunos acreditarem que têm o dever de respeitá-los.³

A partir do comentário das 20h42min e da pesquisa citada acima, podemos notar como a Biologia contribui para a *heteronormatividade*, conceito criado por Michael Warner para descrever a norma que institui a sexualidade *hetero* como regra.³

A classe não percebe como este pensamento biológico pode ser facilmente replicado à homossexualidade, já que nela também não há possibilidade de reprodução. O grupo não se sensibiliza e o comentário é ignorado, indicando como o preconceito e a visão biológica reprodutiva imperam.

O filósofo Michel Foucault afirma que é no final do século XIX que os termos homossexual e homossexualidade surgem no discurso médico como patologias. Por

isso que o psicanalista brasileiro Jurandir Freire propõe a substituição dos termos homossexual e homossexualidade pelo termo “homoerotismo”, pois resistir a tais terminologias significa resistir à carga negativa que a ciência/cultura tem dado aos termos⁷. A ideia de homossexualidade como patologia continua tão atual que motivou o engajamento do Conselho Federal de Psicologia (CFP) a trabalhar em políticas voltadas à luta pelos direitos das minorias sexuais e de gênero, chegando a emitir a Resolução CFP N° 001/99, de 22 de março de 1999 com normas éticas para a atuação de psicólogos quanto à questão da orientação sexual, “considerando que a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio, nem perversão” e também que os “psicólogos não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades” (CFP, 1999). Porém, em 2017, ainda tivemos no Brasil um episódio político com a chamada “Cura Gay”, no qual se procurava legitimar a homossexualidade como doença.^{10,11}

O preconceito aflora também às 20h51 na fala de um aluno, que afirma: “O homossexual, às vezes, é até melhor profissional”. Junto desta afirmação, pôde ser observado pelos pesquisadores que a Tabela de Análise apresenta neste momento o segundo período de maior incidência de humor.

O preconceito finalmente aflora explicitamente quando uma aluna afirma às 21h: “ser ou “virar” homossexual é um desgosto! ”. Novamente, após a explicitação de discurso homofóbico, os estudantes que constituem parte desta amostra também demonstram reações de humor à afirmação pejorativa.

Muito intrigante foi a demorada e quase nula participação dos alunos de gênero masculino. Diversos autores entendem haver uma construção social dos papéis sexuais e dos gêneros atrelada ao sexo masculino. Tal construção gera uma percepção diferente da sexualidade entre homens e mulheres, como visto no trecho da pesquisa do Centro de Educação Física da Universidade de Santa Catarina que pretendeu entender o impacto da corporeidade (sexo biológico) sobre o comportamento a partir de uma auto avaliação durante um evento.

“Homens e mulheres, além das diferenças dimórficas, apresentam distintas experiências no processo de assimilação dos papéis de gênero indicados para cada sexo, o que caracteriza diferentes percepções sobre a sua sexualidade”.¹²

O nosso debate se iniciou 20h35min e só às 21h01min o primeiro participante do sexo masculino participou do debate. Na Tabela Funcional observamos que neste momento já haviam ocorrido 17 interações femininas. Podemos conjecturar que atualmente a discussão da diversidade sexual não faz parte do papel socialmente construído do homem heterossexual. Outro dado importante é que tal participação masculina ocorre logo após a fala de maior preconceito/discriminação do debate, quando a aluna diz ser um desgosto a homossexualidade e também no momento de manifestações de risos/humor do grupo. Após a participação deste aluno, outro aluno também participou, porém, as participações masculinas não atingiram 10% das participações, embora os alunos que se declararam do sexo masculino compusessem 33% dos integrantes da amostra. Com isso podemos perceber como o assunto é desconfortável para o gênero masculino, podendo indicar novamente que a discussão da diversidade sexual não é papel do homem heterossexual e ainda corroborando a ideia de Dinis o qual relata em seu artigo que declarar publicamente não simpatizar ou até odiar pessoas homossexuais é uma forma bastante comum de afirmação e de constituição da heterossexualidade masculina.

Conclusão

Pode-se concluir que o tema Diversidade Sexual mobiliza muitas emoções e reações grupais como preconceito, interesse, timidez, dúvida e humor, conforme demonstrado pela observação e pela Tabela de Análise Comportamental.

Possivelmente a ausência e/ou omissão do tema durante ciclos do Ensino Fundamental e Médio, contribua para a manutenção de ideias preconceituosas. Apesar de reações de apoio, o tema parece ser tabu, principalmente entre os indivíduos masculinos, talvez pelo fato de que repudiar o indivíduo homoafetivo é ainda uma forma presente de afirmação da heterossexualidade masculina.

A pesquisa e o método mostraram-se eficazes em revelar o preconceito oculto, mesmo num grupo jovem, com boa educação formal e na presença de uma figura homoafetiva de destaque, que na situação se apresentava como o docente. Esta pesquisa revela o quanto o discurso e a prática podem caminhar separados quando o assunto é homofobia, preconceito e diversidade sexual. Todavia, por meio da postura de respeito e engajamento do grupo, podemos observar a disposição e o interesse da classe em debater e aprender sobre o tema, podendo indicar ainda um esforço em se despir do preconceito socialmente construído e ainda muito arraigado. Ainda se faz necessária a realização de mais estudos como este, utilizando-se outros grupos em outros contextos, os resultados precisam ser apresentados e discutidos com toda a sociedade na expectativa de gerar um maior esclarecimento sobre o tema e, quem sabe, uma mudança na construção social.

Referências

1. Rios RR. Homofobia na perspectiva dos Direitos Humanos e no contexto dos estudos sobre preconceito e discriminação. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.). Diversidade sexual na escola: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Edições MEC/UNESCO, 2009, 53-83.
2. Louro GL. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997. 184p.
3. Dinis NF. Homofobia e Educação: quando a omissão também é signo de violência. Educar em Revista. Editora UFPR. Curitiba, Brasil, jan/abr. 2011;(39):39-50.
4. Welson BS, Rone C, Juliano SMA, Fernanda AM. Educação sexual como parte curricular da disciplina de Biologia e auxílio a adolescentes: dificuldades e desafios. Experiências em ensino de ciências. 2011; 6(2):7-18.
5. Matos MA. Análise funcional do comportamento. Revista Estudos de Psicologia, PUC-Campinas, Brasil, set/dez. 1999; 16(3):8-18.
6. Fonseca RP, Pacheco JTB. Análise funcional do comportamento na avaliação e terapia com crianças. Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva. Campinas, Brasil, 2010;12(1/2):1-19.
7. Costa SEGC, Marinho ML. Um modelo de apresentação de análise funcionais do comportamento. Estudos de Psicologia. Campinas, Brasil, Set./Dez. 2002; 19(3).
8. Coelho LJ; Campos LML. Diversidade sexual e ensino de ciências: buscando sentidos. Ciência e educação. Bauru, Brasil, Dec./Dec. 2015;21(4):20-36.
9. Warner M. Fear of a Queer Planet: queer politics and social theory. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993. 368p.
10. Foucault M. História da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988. 176p.

11. Conselho Federal de Psicologia. Resolução CFP n. 001/99 [Internet].Brasil;1999. Acesso em: 12/07/2018. Disponível em: <http://www.pol.org.br/legislacao/pdf/resolucao1999_1.pdf>

12. Beltrame TS, Cardoso FL, Mendes AK, Sabbag S, Savali AC. Implicações do conhecimento corporal no comportamento sexual. Revista brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, Brasil, out./dez. 2009;23(4):345-354.

Agradecimentos

Agradecemos ao professor Daniel Manzoni de Almeida pelas orientações e a toda equipe GEPECs, sejam eles alunos, professores, mestres ou doutores do Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas - FMU pelo acolhimento, aprendizagem e possibilidade de crescimento tanto técnico quanto psicossocial.

Anexos – Material Complementar

A Tabela 1 abaixo esclarece a construção e estrutura do experimento.

Tabela 1 – Estrutura do experimento

1º Passo	Leitura de texto sobre Diversidade Sexual pelo grupo da amostra
2º Passo	Discussão em Roda sobre o texto, mediada pelo professor orientador
Observação	Esses dois primeiros passos ocorreram sob a observação treinada de dois pesquisadores que anotaram as reações do grupo e suas impressões
Tabulação	Concomitantemente à observação, os observadores preencheram a Tabela de Análise do Comportamento – uma ferramenta da Psicologia Comportamental
3º Passo	O próximo passo foi a análise dos dados (Tabela preenchida juntamente com as anotações dos pesquisadores/observadores) sob a luz de teóricos no assunto

Conclusão	Finalmente ocorreu a conclusão de todo o experimento com a supervisão e participação do Professor Pesquisador
------------------	---

Fonte: Elaborada pelos autores

O modelo 1 abaixo é a Tabela de Análise do comportamento desenvolvida pelos autores e que posteriormente foi aplicada no experimento.

Modelo 1 – Tabela de análise do comportamento a ser aplicada

TABELA DE ANÁLISE DO COMPORTAMENTO							
Comportamentos da Classe	TEMPO DE AULA/DEBATE/DISCUSSÃO						Total
	0-10'	11'-20'	21'-30'	31'-40'	41'-50'	51'-60'	
Saída da sala de aula							
Interação / Participação no debate							
Dúvidas Perguntadas							
Perda do Controle do Grupo							
Apatia do grupo (quando professor pede participação)							
Reações de Oposição (aversão ao tema)							
Reações de Apoio ao Tema (receptividade)							
Reações de Humor (ironias, piadas...)							

1ª Parte da Aula – Formação de Grupos e Leitura de Texto

A Tabela 2 abaixo é resultado da observação do grupo experimental durante a leitura do texto base para a posterior discussão. Essa leitura foi realizada em sala de aula em subgrupos de aproximadamente 5 (cinco) participantes.

Tabela 2 – Resultados da Observação sobre a 1ª parte da aula

HORÁRIO	AÇÃO / DISCURSO	CATEGORIA(S)	OBSERVAÇÕES
19 horas	Início da aula. Explicação da atividade pelo Professor da Disciplina e esclarecimentos sobre a pesquisa		A pesquisa possui autorização do Comitê de Ética sob nºXXXX e contou com o consentimento do grupo
19h10	Distribuição e preenchimento de um questionário visando conhecer o perfil da amostra		O professor explica a finalidade do mesmo e a importância do seu preenchimento para se sensibilizar ao tema
19h12	Aluna tira dúvida com professor sobre item que aborda ser LGBT	Dúvidas Perguntadas	
19h12	Outra aluna reage com comentário sarcástico: "Mas você é!?"	Reações de Ironia e Humor	Muitos indivíduos do grupo riem. Isso pode mostrar a pressão do grupo
19h15	Alunos se engajam em responder questionário		Silêncio na sala
19h20 até 19h28	Recolhimento dos Questionários		Alguns alunos demoram mais para entregar
19h30	Distribuição dos Textos e formação espontânea de 7 grupos com cerca de 7 alunos cada		Nenhum aluno se evadiu da sala
19h53	Alguns grupos já terminaram a leitura		Podemos notar o empenho dos alunos na tarefa proposta

19h54	Espontaneamente alguns grupos começam a conversar sobre o tema		O fato nos mostra como o assunto é intrigante e mostra a abertura / curiosidade do grupo ao tema
20 horas	Maioria dos grupos já terminou a leitura. Começam a contar histórias de homofobia ocorridas com conhecidos		Alguns relatam experiências pessoais com o tema e outros afirmam não possuírem preconceitos
20h05	A classe inteira está em discussão, todavia dentro de seus grupos		Aparecem muitas discussões relacionando religião e sexualidade
20h06	Um grupo comenta como a religião e a bíblia agem como “castradores”		Vemos a influência da religião sobre o tema
20h07	Outro grupo cita o atual Papa e sua postura mais aberta em relação à sexualidade		Novamente vemos a religião e sua influência sobre o tema
20h10	Professor libera para o intervalo		A discussão já estava preponderando na sala. Isso mostra como o tema é instigante

Fonte: Elaborada pelos autores

2ª Parte da Aula - Debate sobre o texto e Sexualidade

A tabela 3 abaixo apresenta os resultados de observação do grupo experimental durante a discussão do texto que foi realizada em roda com a participação de toda a classe.

Tabela 3 – Resultados da observação sobre a 2ª parte da aula

HORÁRIO	AÇÃO / DISCURSO	CATEGORIA(S)	OBSERVAÇÕES
20h30	Volta do intervalo		Professor solicita a organização para o debate com toda a sala

20h35	Inicia-se o debate com toda a sala participando		Inicia-se o preenchimento pelos observadores da Tabela Comportamental
20h36	O professor solicita a participação dos alunos	Apatia do Grupo	Na Tabela Comportamental nota-se que no primeiro período (os dez minutos iniciais) foi o único período no qual foi observada Apatia do Grupo, obrigando o professor a solicitar a participação da classe. Podemos inferir que o tema é tabu e causa constrangimento, gerando dificuldade de se expor, ao menos no início do debate
20h38	O debate começa a ficar acalorado	Interação e/ou Participação no debate	Percebe-se uma maior participação por parte de algumas alunas, ratificada pelas anotações na tabela comportamental
20h39	Aluna afirma que estamos na pós-modernidade que é caracterizada pela diversidade	Interação e/ou Participação no debate	Discurso afirmando a diversidade atual como algo contemporânea
20h40	Alunas colocam em pauta os diversos tipos de sexualidade existente na atualidade (hetero, homo, trans, pan e até assexual)	Interação e/ou Participação no debate	Novamente aparece o discurso afirmando a diversidade atual

20h42	Aluna afirma que ser assexual é estranho, uma vez que o sexo está nos genes e é indispensável para se manter a vida	Interação e/ou Participação no debate	A partir deste comentário podemos inferir como a biologia contribui para a normossexualidade, já que se há este pensamento com a assexualidade, pode-se facilmente replicar à homossexualidade. Parece que a classe não percebe tal fato e o comentário é ignorado
20h45	Uma aluna afirma que devemos ter conhecimentos sobre os termos para assim diminuir o preconceito	Interação e/ou Participação no debate	A afirmação revela a preocupação dos jovens em diminuir o preconceito, todavia não é sabendo a denominação ou categorização da opção sexual que isto ocorrerá
20h46	O debate se volta para a diferença entre gênero, sexo e orientação sexual		Percebemos que alguns alunos possuem conhecimentos sobre a teoria de Judith Butler
20h47	Uma aluna afirma que a definição de gênero também define (ou tenta definir) a personalidade e que isto é muito ruim para a sociedade.	Interação e/ou Participação no debate	
20h48	Outra aluna reclama do texto, afirmando que nele há o estereótipo da mulher ser frágil	Interação e/ou Participação no debate	Percebemos idéias feministas no grupo

20h50	Uma aluna comenta a importância da figura do gênero do professor sobre a aprendizagem, afirmando que ser homem, mulher ou gay influencia muito	Interação e/ou Participação no debate	Esse é um conceito denominado pela psicologia de Presença Social (KIM apud COELHO 2017) que confirma a ideia da aluna
20h51	Outra aluna afirma "O homossexual, às vezes, é até melhor profissional"	Interação e/ou Participação no debate	Tal comentário nos mostra novamente o preconceito embutido na sociedade
20h52	Outra aluna concorda com a afirmação acima, dizendo que isto ocorre porque o homossexual tem que provar que é bom	Interação e/ou Participação no debate	Tais comentários nos mostram novamente o preconceito embutido na sociedade e, conseqüentemente, na sala de aula. Mostram ainda como é "natural" para os alunos esse preconceito
20h54	Uma aluna comenta sobre a religião e o preconceito	Interação e/ou Participação no debate	Outra vez a religião aparece no debate
20h55	O debate se volta para a relação entre religião e sexo		Novamente a religião em pauta
20h56	Várias alunas colocam histórias e fatos envolvendo a religião e o preconceito. Alguns citam a Idade Média e o poder da Igreja Católica		
20h58	Parece que o assunto religioso mexe com o grupo e não sai da pauta		Podemos ver a intensa relação entre sexualidade e religião

21h00	Uma aluna afirma que ser ou “virar” homossexual é um desgosto	Interação e/ou Participação no debate. Reações de Ironia e Humor	Esse é o momento de maior preconceito no debate. Há reações de humor e risos por parte do grupo e fica explícito o preconceito do grupo
21h01	Primeiro aluno do gênero masculino toma a palavra. Diz frases como: “Acabar com o preconceito é utópico.” ;” Não dá para desconstrair tudo” ; “Há muita influência da religião”	Interação e/ou Participação no debate	Somente neste momento aparece a primeira participação masculina. Vemos ainda a descrença e/ou falta de vontade do indivíduo em modificar o atual paradigma
21h02	Novamente o debate volta a relacionar religião e sexo		
21h04	Professor faz perguntas provocativas sobre o gênero ser construído ou natural, sexo ser biológico, orientação sexual e etc		Percebemos pela tabela comportamental que as colocações do professor provocam uma maior participação do grupo
21h06	Segundo aluno (masculino) a participar. Faz comentário dizendo que o gênero é construído	Interação e/ou Participação no debate	Percebe-se a escassa participação masculina no debate
21h07	Aluna afirma que o ser humano é mais do que seu sexo e que não devemos julgá-lo apenas pela sua orientação sexual		
21h08	Professor faz novas colocações		Vemos o estímulo que a figura do professor dá ao

			debate, tornando-o acalorado
21h09	Debate fica acalorado e gira em torno da questão se o indivíduo nasce ou se torna homossexual		Essa discussão gera grande mobilização no grupo e pode ser vista na Tabela Comportamental, que apresenta o pico de participação da classe
21h11	O grupo inteiro fala, mas os de gênero masculino conversam apenas dentro de seus subgrupos, não externando suas opiniões para toda a sala	Interação e/ou Participação no debate	Percebemos o desconforto dos indivíduos masculinos para participar do debate
21h13	Uma aluna diz que na casa dela não há brinquedos ou cores de meninos ou meninas	Interação e/ou Participação no debate	Há concordância do grupo com a opinião da aluna
21h15	O professor agradece a participação do grupo e encerra o debate		

Fonte: Elaborada pelos autores

As tabelas 4 (quatro) e 5 (cinco) abaixo apresentam os resultados por intervalo de tempo (a cada 10 minutos) da incidência de cada comportamento monitorado pelo observador A e B respectivamente

Tabela 4 – Tabela de análise do comportamento preenchido pelo observador A

Tabela de Análise do Comportamento - OBSERVADOR A							
Comportamentos da Classe	TEMPO DE AULA/DEBATE/DISCUSSÃO						total
	20:35	20:46	20:57	21:08	21:19	21:20	
	0-10'	1'-20'	1'-30'	1'-40'	1'-50'	51'-60'	
Saída da sala de aula		1	1				2
Interação/Participação no debate	9	6	5	13	2		35
Dúvidas Perguntadas					2		2
Perda do Controle do Grupo	1		1				2
apatia do grupo (professor pede participação)	4						4
Reações de Oposição (aversão ao tema)							0
Reações de Apoio ao Tema (receptividade)	4	1	7		3		15
Reações de Humor (ironias, piadas...)		2		2			4

Tabela 5 – Tabela de análise do comportamento preenchido pelo observador B

Tabela de Análise do Comportamento - OBSERVADOR B							
Comportamentos da Classe	TEMPO DE AULA/DEBATE/DISCUSSÃO						Total
	20:35	20:46	20:57	21:08	21:19	21:20	
	0-10'	11'-20'	21'-30'	31'-40'	41'-50'	51'-60'	
Saída da sala de aula		1	1				2
Interação/Participação no debate	6	6	3	9	4		28
Dúvidas Perguntadas	1				2		3
Perda do Controle do Grupo	1						1
Apatia do grupo (professor pede participação)	3						3
Reações de Oposição (aversão ao tema)			1				1
Reações de Apoio ao Tema (receptividade)	3	2	6	1	3		15
Reações de Humor (ironias, piadas...)		1		3	1		5

autores

A Tabela 6 (seis) foi elaborada posteriormente ao experimento, representando as médias de incidência dos comportamentos monitorados e assinalados pelos dois observadores.

Tabela 6 – Média entre as tabelas de análise do comportamento preenchidas

Tabela de Análise do Comportamento – MÉDIAS ENTRE OBSERVADORES							
Comportamentos da Classe	TEMPO DE AULA/DEBATE/DISSCUSSÃO						Média Total
	20:35	46	57	08	9	20	
	0-10'	20'	30'	40'	-	60"	
da sala de aula							2
ração / Participação no debate	7,5	5	4	1			31,5
idas Perguntadas	0,5						2,5
da do Controle do Grupo	1		5				1,5
tia do grupo (professor pede cicipação)	3,5						3,5
ções de Oposição (aversão ao tema)			5				0,5
ções de Apoio ao Tema (eptividade)	3,5	5	5	5			15
ções de Humor (ironias, piadas...)		5		5	5		4,5

Ao todo foram assinaladas 64 reações pelo 1º observador e 58 reações pelo 2º observador, totalizando 122 reações grupais assinaladas. No gráfico 1 constante nos anexos podemos observar a participação de cada tipo de reação no total assinalado.